



VOLUME - V.3

NÚMERO - N.1

DEZ. - 2025

ISSN: 2966-1439

P.03-24

O CARÁTER FONOLÓGICO E SEMÂNTICO DE *BLENDS* ONIONÍMICOS

THE PHONOLOGICAL AND SEMANTIC CHARACTER OF ONYMIC BLENDS

Emerson Viana Braga¹
Joana D'arc Santos Silva²

RESUMO: Este artigo analisa o *blending*, processo que combina duas palavras, formando uma terceira com ruptura fonológica (Bevilacqua; Silva, 2021), a exemplo de *chafé* (*chá + café*), levando em conta os aspectos fonológico e semântico. A literatura (Andrade; Rondinini, 2016) indica que *blends*, geralmente, mantêm relação semântica com suas bases de origem. Contudo, *blends* usados em nomes de estabelecimentos (onionímicos) podem perder essa relação (cf. Braga, 2023): *bruboi* (*Brumado + boi*), por exemplo, remete ao estabelecimento (uma churrascaria da cidade de Brumado). Para atestar o caráter fonológico desses *blends*, utilizou-se a relação bipartida, proposta por Gonçalves (2003), que defende que alguns *blends* podem compartilhar material fonológico, enquanto outros não. Na análise semântica, usamos a tipologia de Sandmann (1997) para compostos: endocêntricos (sentido remete às bases) e exocêntricos (sentido distante das bases). Foi feita uma coleta de palavras com nomes de estabelecimentos na cidade de Brumado/Ba e, em seguida, analisou-se a formação fonológica e semântica de cada um deles. Os resultados apontaram que, fonologicamente, *blends* onionímicos tendem a ter mais formações por interposição lexical do que por combinação truncada. Semanticamente, esses *blends* tendem a ser mais endocêntricos do que exocêntricos.

Palavras-chave: Blends. Caráter fonológico. Caráter semântico.

ABSTRACT: This article examines blending, a process that combines two words to form a third one with phonological rupture (Bevilacqua & Silva, 2021), as seen in *chafé* (*chá 'tea' + café 'coffee'*), focusing on its phonological and semantic aspects. Literature (Andrade & Rondinini, 2016) suggests that blends generally maintain a semantic relationship with their source words. However, blends used in business names (onymic blends) may lose this connection (Braga, 2023): for instance, *bruboi* (*Brumado + boi 'ox'*)

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor Substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: emevibra@hotmail.com.

² Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: joanadarcfasceira2024@gmail.com.

refers to an establishment (a steakhouse in the city of Brumado). To assess the phonological structure of these blends, we employed the bipartite relation proposed by Gonçalves (2003), which argues that some blends share phonological material while others do not. For semantic analysis, we used Sandmann's (1997) typology for compounds: endocentric (meaning relates to the source words) and exocentric (meaning diverges from the source words). We collected business names in the city of Brumado, Bahia, and then analyzed their phonological and semantic formation. The results indicated that, phonologically, onymic blends tend to form more through lexical interposition than through truncation combination. Semantically, these blends are more frequently endocentric than exocentric.

Keywords: Blends. Character phonological. Character semantic.

INTRODUÇÃO

A necessidade de nomear e categorizar algo no mundo é uma ação natural dos falantes, pois a língua é uma espécie de banco de dados que contém tanto as palavras existentes, quanto as unidades básicas que constroem novas palavras (Munhoz; Eckert, 2023). Dessa forma, ela se expande conforme a necessidade dos falantes. Sabemos que desde os primórdios da linguagem, o homem busca compreender a história, a origem e a evolução das palavras, reconhecendo que cada nome carrega consigo um significado, uma narrativa e uma identidade.

Em vista disso, o ser humano cria novas palavras na língua a todo tempo. Esse desejo pela criação de novas palavras pode se manifestar pela curiosidade em desvendar a origem da construção lexical de nomes próprios (Toponímia), por formações lexicais acerca de nomes de marcas, lugares e estabelecimentos (Oniônimos) (*Nestlé*), ou ainda, pelo desejo de mesclar os significados de uma palavra a partir de outras duas bases (*blending*), a exemplo de *Acarajéssica* (*acarajé + Jéssica*).

Diante disso, podemos levantar o seguinte questionamento: o que impulsiona a criação e o interesse por essas novas formações? Uma possível resposta está na dinâmica da língua, um sistema vivo em constante transformação, moldado pelas necessidades comunicativas e criativas de seus falantes (cf. Benfica da Silva, 2019; Braga, 2023). Para Alves (2004), esse processo de criação lexical é caracterizado por neologismos. Segundo a autora, os neologismos estão relacionados à criatividade e à necessidade dos falantes de nomear e criar novas palavras diante das modificações do mundo externo e da ampliação de diversas áreas de conhecimento. A criação de *blending*, como *Macakids* (*macaco + kids*),

Acarajéssica (*acarajé* + *Jéssica*), por exemplo, demonstra a capacidade inventiva e a necessidade que, nós falantes, sentimos em criar nomes, buscando expressões eficazes, memoráveis e, muitas vezes, carregadas de humor e significado cultural.

Nessa esteira, este trabalho propõe discutir sobre alguns *blends* que designam lugares, estabelecimentos, sendo considerados, dessa maneira, como oniônimos (cf. Benfica da Silva, 2019; Freires, 2023). Para balizar nossas discussões, levaremos em consideração o caráter fonológico e o caráter semântico de *blending* com essa natureza. Gonçalves (2003) discute que *blends* apresentam padrões distintos, pois alguns podem apresentar semelhança fonológica, denominado pelo autor como interposição lexical, enquanto outros não apresentam semelhança fônica, chamados de combinação truncada (Gonçalves, 2003). Quanto ao caráter semântico, tomaremos, como base, os padrões apresentados por Sandmann (1997) para os compostos³: endocêntrico, quando a palavra formada tem significado com as bases que lhes deram origem e exocêntrico, quando a palavra formada tem o significado diferente das bases que lhes deram origem.

Sendo assim, para guiar nossa investigação, levantamos as seguintes questões:

1. Qual padrão fonológico predomina mais em oniônimos criados por *blends*?
2. Oniônimos criados por *blends* têm caráter endocêntrico ou exocêntrico?

Como resposta preliminar, logo nossa hipótese, para o primeiro questionamento, seria a de que oniônimos criados por *blends* tenderiam a ter mais formações por interposição lexical; como hipótese para o segundo questionamento seria a de que oniônimos criados por *blends* tenderiam a ser mais exocêntricos, pois o falante tenderia a remeter ao estabelecimento e não às bases de lhe deram origem. Nosso objetivo, portanto, é analisar o caráter fonológico e semântico de oniônimos criados por *blends*. Para investigarmos essas questões, hipóteses e traçarmos o nosso objetivo, realizamos uma coleta de nomes de estabelecimentos criados pela junção de duas bases formando uma

³ É importante esclarecer que a análise do linguista, acerca do caráter semântico, tem foco no processo da composição. Este processo envolve a formação de palavras a partir de duas outras, bem como o *blending*. Por isso, faremos a análise no fenômeno morfofonológico analisado neste trabalho. Esclarecemos, ainda, que uma análise similar já foi proposta por Benfica da Silva (2019). Entretanto, seu trabalho debruçou-se sobre *blends* antroponímicos. O nosso, por outro lado, tem foco em *blends* onionímicos.

terceira, descritos como *blends*, na cidade de Brumado/BA, a exemplo de *bruboi* (*Brumado + boi*), uma churrascaria.

Mediante isso, o presente trabalho está dividido e apresentado da seguinte maneira: além desta introdução, é feita uma breve descrição acerca das considerações iniciais sobre Toponímia, Oniônimos e *Blendings*, na seção 2. A seguir, na seção 3, será descrita a nossa metodologia, enquanto, na seção 4, serão apresentados nossos resultados e nossas discussões, divididos em 2 subseções, 4.1 para análise fonológica e 4.2 para análise semântica. Por fim, apresentaremos algumas considerações levantadas acerca deste trabalho.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE TOPONÍMIA, ONIÔNIMO E BLENDING

Ao traçar um panorama de estudos morfofonológicos, visando analisar o caráter fonológico e semântico dos *blends* que designam oniônimos, notamos a necessidade de classificar estes processos a partir do estudo linguístico que trata da história e da origem das palavras, isto é, o estudo toponímico, podendo ser atrelado a aspectos de natureza linguística, etimológica, sócio-histórica, geográfica, cultural e identitária (cf. Lopes; Lima e Castro, 2020). Com isso, antecede às discussões sobre *blends* e oniônimos, uma breve discussão sobre a toponímia.

Ao refletir que cada lugar no mundo possui um nome próprio, se faz válido alguns questionamentos: de onde vieram os nomes próprios? Qual a origem da palavra? O que significam? Ou, qual a história por trás do nome? Segundo Lopes; Lima e Castro (2020), essas inquietações são feitas porque o ser humano quer conhecer a sua história ou o universo em que está inserido e essas situações lhe acompanham em toda a sua vida. Assim como o nosso nome conta um pouco da nossa história, ou a da nossa família, os nomes de lugares, também são acarretados de histórias e significados. Obviamente, o conhecimento de sua história ocasiona o conhecimento do lugar em que se vive.

Essa necessidade de conhecer o próprio ambiente é um importante instrumento para a compreensão identitária de um povo, ou seja, a busca por identificar os lugares à sua volta, como ruas, bairros, cidades, estabelecimentos, entre outros, resulta em um processo de interação entre o homem e o mundo, via relações estabelecidas pela linguagem. Câmara Junior (1977, p. 16) discute que a língua é, “antes de tudo, no seu

esquema, uma representação do universo cultural em que o homem se acha, e, como representa esse universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural e estrutural”. Aparentemente, os nomes dos lugares refletem a língua, as crenças e os costumes das pessoas que vivem ou viveram em determinado lugar, o que evidencia que os nomes dos lugares podem revelar muito sobre o passado de uma região, a sua cultura, os eventos históricos importantes ou as suas características geográficas.

Por conseguinte, pesquisas linguísticas (cf. Freires, 2023) têm buscado analisar o processo de construção lexical dos nomes próprios de lugares, carregados de histórias e significados, através de uma área, conhecida como Toponímia (ou toponomástica) (Lopes, Lima e Castro, 2020). Dick (1990) conceitua a Toponímia da seguinte maneira:

A Toponímia é uma das disciplinas que integram a ciência Linguística por investigar o léxico toponímico considerando-o expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou pr eexistente; propõe o resgate da atitude do homem diante do meio, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares (Dick, 1990, p. 36).

Essa compreensão de Dick (1990) contribui de forma significativa para o entendimento de que cada lugar tem uma história única e que a toponímia ajuda a valorizar essa diversidade.

Dessa maneira, este fenômeno vincula-se ao oniônimo, pois ambos trazem a língua como um reflexo da cultura socio-histórica, cabível de percebermos que há semelhanças nos estudos lexicais (Freires, 2023, p. 20). De acordo com Isquerdo (2023), em sua tese, a toponímia se solidifica com o ramo dos estudos onomásticos, pois ambos estudam os designativos de lugares.

Na análise dos nomes próprios, Monteiro (1991) apresenta uma nomenclatura de ordem morfológica relacionada aos estudos lexicais, que se configura por oniônimo, a quem compete pesquisas acerca de nomes próprios específicos de marcas, lugares e estabelecimentos. Segundo o estudioso, os oniônimos, nomes próprios utilizados para fins comerciais, apresentam particularidades morfológicas que exigem uma análise específica. O linguista enfatiza que a importância dessa categoria gramatical se dá pela “manifestação espiritual do povo, além de possibilitar uma sistemática, não só pela enorme variedade, mas também pela quantidade dos nomes que diariamente surgem no mercado” (Monteiro, 1991, p. 197). Com isso, o autor apresenta a importância do estudo desses

nomes devido à sua crescente presença no centro do comércio, impulsionada pela sociedade industrial.

Os oniônimos desempenham um papel fundamental na identidade de uma empresa, influenciando a atenção do consumidor, além de ser uma ferramenta estratégica de *marketing*, capaz de provocar emoções, transmitir valores e diferenciar um produto do outro no mercado. Cabe ressaltar que a língua é uma expressão cultural que se adapta às mudanças do ambiente em que se propaga, por meio de neologismos, criando palavras totalmente novas, como pode ser observado em *passatempo*, combinação das palavras “*passa + tempo*”, que remete a uma linha de biscoitos da *Nestlé*. Ainda, pode combinar bases de diferentes línguas ou radicais, como pode ser observado em *macakids*, combinação das palavras “*macaco + kids*”, que remete a uma marca de uma turma de macaquinhos brasileiros que se dedicam a conscientizar as crianças através da música. Assim, é possível compreender que os princípios da onionímia criam nomes de marcas, produtos e estabelecimentos comerciais de forma eficaz, sendo capaz de gerar identificação e fidelização do consumidor.

Monteiro (1991) discute que os oniônimos podem ser formados a partir de quatro processos morfológicos, a saber: derivação, por prefixo (*recolor – re + color*) e por sufixo (*melhoral – melhor + al*); composição⁴ (*Sonho de Volsa*), braquissemia (*fanta* para ‘refrigerante’ *fantasia*) e acrossemia (*ITA* ‘Indústria de Tapetes Atlântida’ e *Nescau* para *nestlé + cacau*). Gonçalves (2019, p. 149) considera a braquissemia como truncamento, “processo em que a relação entre uma palavra derivada e sua base é expressa pela falta de material fonético na palavra derivada”. A acrossemia, por outro lado, apresenta uma linha tênue entre dois processos apresentados por Gonçalves (2019), a saber: siglagem⁵ que consiste na combinação das iniciais de um composto, a exemplo de PIB, oriunda do aproveitamento da primeira letra de cada palavra da expressão *Produto Interno Bruto* (Gonçalves, 2019) e *blending*, processo que mescla duas bases, gerando numa terceira. Neste trabalho, temos a pretensão de discutir sobre este último processo. A seguir, apresentaremos mais detalhes sobre ele.

⁴ Segundo Monteiro (1991), a composição é bastante recorrente no contexto comercial.

⁵ Segundo Monteiro (1991), a acrossemia enriquece, frequentemente, o valor conotativo da expressão original, como *EMBRAPA* (*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*), que resulta em uma forma autônoma e pronunciada como uma palavra simples reduzida em sílabas. Esse argumento é confirmado por Gonçalves (2019).

Recentemente, Freires (2023) apresentou um trabalho mostrando que o *blending*⁶ pode formar oniônimo. Este fenômeno, segundo Braga (2023), consiste na mescla de duas palavras já existentes para formar uma terceira, apresentando ruptura fonológica, como em *macakids*, mescla das palavras *macaê* + *kids*.

Imagem 1 – Macakids – DVD Educação para a sustentabilidade



Fonte: Site Macakids.

Gonçalves (2003) afirma que uma das principais características do processo é a supressão de material fonológico de uma ou ambas as bases. No exemplo apresentado acima, ocorre supressão da última sílaba da base 1, *macaê*.

Por apresentar supressão fonológica em sua formação, alguns estudiosos o consideram como um processo morfofonológico, como Marangoni Jr. (2021) e Bevilacqua e Silva (2021). Os autores discutem que o processo, embora mesclém duas bases (esfera da morfologia), suprime material fônico (esfera da fonologia)⁷. Braga (2023), ao desenvolver um trabalho no âmbito da Fonética Acústica, discute que o falante parece acessar questões acentuais na formação de um *blending* e Braga e Pacheco (2024b), ainda,

⁶ É importante esclarecer que o processo é apresentado na literatura sob diferentes rótulos: Gonçalves (2003) e Braga (2023), por exemplo, denominam-o como *blend*; Andrade (2008), Andrade e Rondinini (2016), Gonçalves (2016, 2019), Benfica da Silva (2019) e Freires (2023) utilizam o termo cruzamento vocabular e Marangoni Jr (2021) o estabelece como *blending*. Há, ainda, além desses, mais rótulos: “Contaminação (Basilio, 2003), Fusão vocabular (Basilio, 2005), Combinação (Bechara, 2009); Palavra cabide (Sandmann, 1991), Composição haplológica (Sandmann, 1991), Amálgama (Azeredo, 2000)” (Benfica da Silva, 2019, p. 18).

⁷ Por não ser escopo deste trabalho, não nos aprofundaremos sobre essas questões. Para melhores esclarecimentos, sugerimos a leitura dos trabalhos dos autores, acima, mencionados e o trabalho de Braga e Pacheco (2024b) que apresenta uma proposta de criação de fenômenos fonológicos na formação de alguns *blends* do PB.

aventam para a possibilidade de que alguns *blends* apresentem processos fonológicos, como a haplologia⁸. Os autores apresentam exemplos, como *acarajéssica* (*acarajé* + *Jéssica*), em que as sílabas adjacentes, /jɛ/, são idênticas e, por isso, segundo eles, apresenta ocorrência do fenômeno fonológico. Mediante esses argumentos, Braga (2023) e Braga e Pacheco (2024b) ratificam que o *blending*, com essas características, pode ser, de fato, um processo morfofonológico. Neste trabalho, então, consideraremos, tanto quanto os autores antes mencionados, que o *blending* é um processo morfofonológico.

Ainda, no âmbito, fonológico, *blends* podem apresentar padrões diferentes. Gonçalves (2003) propõe uma classificação bipartida para os *blends* do português brasileiro. Com base na presença ou ausência de semelhança fônica entre as bases 1 e 2, o autor divide inicialmente em dois padrões distintos: o primeiro é denominado por *interposição lexical*, ocorre quando apresentam alguma semelhança fônica, sejam sílabas ou rimas como em *namorido* (*namorado* + *marido*). Neste exemplo, é notório que as bases apresentam segmentos em comum, pois há diversos segmentos idênticos, ocupando a mesma posição na estrutura silábica em ambas as bases; o segundo padrão é denominado, pelo estudioso, como *combinação truncada*, pois ocorre quando não há compartilhamento de material fônico entre as bases.

Gonçalves (2019) esclarece que quando as palavras são do mesmo tamanho, a maior sofre truncamento e a menor se concatena a ela como em *futelama* (*futebol* + *lama*); quando as duas apresentam o mesmo número de segmentos, há redução em ambas, como em *portunhol* (*português* + *espanhol*). Neste segundo exemplo, a quebra é feita na sílaba tônica da primeira base e a sílaba tônica da segunda base, permanece no nível fonético, sendo aproveitadas as duas sílabas iniciais de “português” e a sílaba final de “espanhol”, resultando em *portunhol*.

Gonçalves (2003), ainda, apresenta um outro processo, a *substituição sublexical*, com formação distinta dos dois primeiros. Segundo o autor (2003), a substituição sublexical ocorre quando uma “palavra invasora” é incorporada a uma “palavra-alvo” a partir da coincidência fonológica entre um fragmento da palavra-alvo e uma forma de livre curso na língua. Essa coincidência formal permite a incorporação da palavra invasora, substituindo sublexicalmente parte da palavra-alvo (Gonçalves, 2003). Ele exemplifica

⁸ Haplologia é um fenômeno fonológico que tende a fundir sílabas contíguas e idênticas ou semelhantes (cf. Braga, 2023).

esse processo com a formação de *bebemorar* (*beber + comemorar*). Neste caso, a sequência "come-" em "comemorar" não possui *status* morfológico definido. O verbo "beber", atuando como palavra invasora, é projetado a partir dessa sequência, mantendo sua estrutura métrica e silábica. Dessa forma, "beber" substitui sublexicalmente "come-".

Assim, Gonçalves (2003, p. 152) afirma que "a palavra-alvo apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso na língua e é a partir dessa identidade formal que se dá incorporação". Ele conclui que a presença das duas bases só é perceptível no resultado final (*output*), e, por isso, denomina o processo como *substituição sublexical* ou *reanálise*. Nesse sentido, Gonçalves (2003) não classifica as SSLs como um padrão de *blending*, mas sim como um processo à parte. Para ele o fragmento da base que sofre o processo de invasão não tem uma definição do *status* morfológico. Vital e Gonçalves (2023), a partir da proposta de Gonçalves (2003), explicam que as SSLs partem de, apenas, um *input*, ou seja, de apenas uma palavra morfológica, não sendo, dessa maneira *blends* legítimos. Por essa razão, neste trabalho, usaremos a relação bipartida proposta por Gonçalves (2003), pois entendemos que ela dá conta de atender a proposta, aqui, adotada.

Contudo, Andrade (2008), Andrade e Rondinini (2016), Gonçalves (2016), Benfica da Silva (2019), Braga (2023) e Braga e Pacheco (2024a, 2024b, 2024c e 2024d), reconhecem a substituição sublexical (SSL) como um terceiro padrão de formação para os *blends*. Os pesquisadores acima citados, analisam as SSLs como um padrão que tem uma parte de sua base promovida à condição de palavra e, em seguida, sendo substituída (Braga, 2023), ou seja, uma parte de uma palavra-base é reanalisada e substituída por outra base, originando um *blending*. Andrade (2008) explica que *blending* e SSL têm o mesmo padrão morfológico, apesar de serem criados por motivações distintas. Nesse sentido, o que podemos observar é a necessidade de reconhecer que a classificação e análise dos *blends* ainda são temas em debate na linguística⁹.

Além do caráter fonológico, o caráter semântico é, também, de suma importância na formação de um *blending*, uma vez que precisa ser compreendido pelos falantes da língua. Sandmann (1997) fez uma análise do caráter semântico dos compostos, em que a classificação se baseia na relação entre o significado do composto e o significado de suas

⁹ Cabe salientar que existem outras propostas para padrões dos *blends*, como as Sandmann (1997), e de Minussi e Nóbrega (2014).

bases, considerando-os como endocêntricos (o sentido do composto se aproxima das bases de que é oriundo) e exocêntricos (o sentido do composto se distancia das bases de que é oriundo). No caso de *Erva-Doce*, por exemplo, o significado do composto é motivado pela primeira base "erva", indicando um tipo específico de erva (Sandmann, 1997). Assim, é chamado de endocêntrico, pois o significado está contido dentro da própria palavra. *Amor-Perfeito*, por outro lado, é um exemplo de composto exocêntrico. Seu significado não é diretamente derivado das bases das palavras, mas se refere a uma flor específica. Neste caso, a motivação semântica é menos direta.

Por serem, os *blends*, formados por duas palavras, como os compostos, a proposta de Sandmann (1997) é propícia para análise do fenômeno morfofonológico. Andrade e Rondinini (2016) e Benfica da Silva (2019), ao analisarem os *blends*, por exemplo, afirmam que são sempre endocêntricos. Para os primeiros estudiosos, a semântica dos *blends* ocorre "graças à fusão eminente de suas bases" que "impõem uma leitura/interpretação composicional" (Andrade e Rondinini, 2016, p. 881). No exemplo de *maravilinda* (*maravilhosa* + *linda*), o *blending* refere-se a uma pessoa que é tanto maravilhosa quanto linda, logo, nota-se a combinação dos traços semânticos nas bases (cf. Braga, 2023). Andrade e Rondinini (2016) argumentam, ainda, que mesmo em *blends* como *boadrasta* (*boa* + *madrasta*) ou *marginata* (*marginal* + *magnata*), que expressam uma avaliação, o significado ainda está ligado às bases.

Aparentemente, o argumento de Andrade e Rodinini (2016) e Benfica da Silva (2019) de que todos os *blends* são endocêntricos, não é categórico para todos os tipos de *Blends*. Braga (2023) e Braga e Pacheco (2024c) discutem que alguns *blends* que formam oniônimos, criados para designar estabelecimentos, parecem não ter caráter endocêntrico, ou seja, não remetem às bases de que são oriundos. Braga e Pacheco (2024c) fizeram uma análise perceptual sobre os *blends* do português brasileiro e eles argumentaram que o nível de conhecimento, para *blends* que designam oniônimos, mostrou ser bastante contextual, uma vez que essas formações se referem a um lugar, no caso, o nome da empresa comercial.

Diante das discussões feitas, até aqui, observamos que o *blending* é um fenômeno que ganhou um certo destaque em pesquisas linguísticas. Este trabalho pretende contribuir com mais uma análise desse processo, levando em consideração formações que

designam oniônimos para atestar o caráter fonológico e semântico. Na seção seguinte, será apresentada a metodologia feita para alcançar os resultados esperados.

2 METODOLOGIA

Como foi discutido anteriormente neste artigo, alguns trabalhos se debruçaram sobre o *blending*, ao longo dos últimos anos. O que propomos aqui, então, é contribuir para compreensão do processo. A proposta de atestar nossas hipóteses, de que *blends* onionímicos tenderiam a ter mais formações por interposição lexical e de que *blends* onionímicos tenderiam a ser mais exocêntricos, surgiu a partir de trabalhos que já foram realizados, como o de Benfica da Silva (2019) que avaliou os *blends* antroponímicos, observando ter uma predominância pelo padrão combinação truncada; quanto ao caráter semântico, resolvemos atestar o argumento de Braga (2023) e Braga e Pacheco (2024c) ser os *blends* onionímicos têm seu sentido distante das bases que lhes dão origem.

Mediante isso, no decorrer do estudo, morando na cidade de Brumado/BA, observamos que há muitos estabelecimentos e empresas locais, cujos nomes são formados por duas palavras, caracterizados como *blending*. A partir disso, nossa pesquisa buscou a coleta de alguns desses *blends*, descritos no quadro abaixo:

Quadro 1 – *Blends* selecionados para análise.

<i>Blends</i>	Bases	Estabelecimento
<i>Bruboi</i>	Brumado + boi	Churrascaria
<i>Brumaaço</i>	Brumado + aço	Empresa de aços
<i>Brumavet</i>	Brumado + veterinária	Clínica veterinária
<i>Brumóbile</i>	Brumado + mobília	Loja de móveis e decorados
<i>Quintália</i>	Quintal + Itália	Restaurante
<i>Horrorizante</i> <i>Terrorizante</i>	Horroroso + horizonte Terror + horizonte	Empresa de ônibus

Fonte: elaborado pelos autores.

O número de palavras coletadas foram 7. As palavras apresentadas no quadro 1, foram coletadas nas ruas da cidade de Brumado/BA, identificadas em fachadas de estabelecimentos comerciais, entre eles, restaurantes, lojas, empresas de materiais de

construção, clínicas e empresa de ônibus. A imagem a seguir apresenta um dos estabelecimentos localizado na cidade em que coletamos as palavras:

Imagem 2 – Fachada da churrascaria Bruboi, localizada na cidade de Brumado/Ba.



Fonte: Google Maps 2024.

A churrascaria é um estabelecimento bastante consolidado na cidade e já existe há alguns anos. Os moradores de Brumado, então, já conhecem o espaço, por seu nome, *Bruboi*.

Durante a coleta, levamos em consideração o padrão de formação fonológica, se por interposição lexical ou combinação truncada e o padrão semântico, se endocêntrico ou exocêntrico, de cada um deles. Foi diante dessa proposta que levantamos os questionamentos que norteiam este artigo: qual padrão fonológico predomina mais em oniônimos criados por *blends*? E oniônimos criados por *blends* têm caráter endocêntrico ou exocêntrico? Na seção seguinte, propomos-nos responder a essas perguntas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho, como já discutido antes, objetiva analisar o caráter fonológico e semântico de oniônimos criados por *blends*. Partindo das hipóteses de que, em aspectos fonológicos, oniônimos criados por *blends* tenderiam a ter mais formações por interposição lexical, seguido de combinação truncada e, quanto a caráter semântico, os oniônimos criados por *blends* tenderiam a ser mais exocêntricos, pois é possível que o falante remetesse ao estabelecimento e não às bases de onde deram origem. Nossa curiosidade, como mencionamos na seção anterior, baseou em outros trabalhos já realizados anteriormente.

Alguns autores se debruçaram sobre o processo do *blending* a partir de diferentes perspectivas. Braga e Pacheco (2024c), discutem que

O *blend* desperta o interesse de linguistas que buscam compreender sua estrutura morfológica. Além disso, estudiosos procuraram investigar outros níveis da linguística, como o fonético (Braga, 2023), o fonológico (Piñeros, 2000; Gonçalves, 2006; Benfica da Silva, 2019), o morfofonológico (Maragoni Jr., 2021; Bevilacqua, Silva, 2021) e o semântico-pragmático (Kemmer, 2003; Marangoni Jr, 2021). Alguns pesquisadores têm, igualmente, se debruçado sobre questões psicolinguísticas (Minussi e Villalva, 2020) e perceptuais (Braga, Pacheco e Rocha, 2022) (Braga; Pacheco, 2024c, p. 2, grifo nosso).

Isso mostra que o *blending*, de fato, tem ganhado a atenção de estudiosos na área da Linguística. Ainda, na proposta de Benfica da Silva (2019), foi feita uma análise do fenômeno a partir de antropônimos acrescidos de qualificador e a de Freires (2023) *blends* e oniônimos. Nosso intuito com este trabalho, portanto, é trazer mais contribuições para o processo a partir de *blends* que designam estabelecimentos, isto é, *blends* onionímicos.

3.1 O CARÁTER FONOLÓGICO

No âmbito fonológico, como discutido na seção de revisão de literatura, os *blends* apresentam uma relação bipartida (cf. Gonçalves, 2003), em que uns apresentam semelhança fonológica, interposição lexical, e outros não, combinação truncada. O quadro 2 apresenta o padrão fonológicos dos *blends* onionímicos:

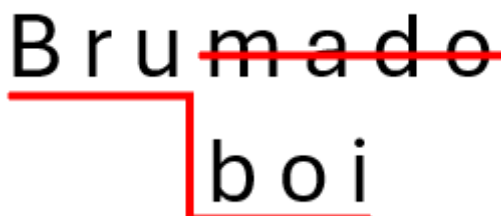
Quadro 2 – Padrão fonológico de *blends* onionímicos.

BLENDS	PADRÃO FONOLÓGICO
1. Bruboi	Combinação truncada
2. Brumaaço	Interposição lexical
3. Brumavet	Combinação truncada
4. Brumóbile	Interposição lexical
5. Horrorizante	Interposição lexical
6. Quintália	Interposição lexical
7. Terrorizante	Interposição lexical

Fonte: elaboração própria.

A partir do quadro 2, 2 *blends* são formados pelo padrão fonológico da combinação truncada, enquanto 5 são formados pela interposição lexical. Ao tomarmos a análise do *blending* *Bruboi* (*Brumado* + *boi*), a base 1 tem as duas últimas sílabas suprimidas (~~Brumado~~), enquanto a segunda base (*boi*) não apresenta supressão de material fonológico. Isso acontece, provavelmente, devido ao fato de a palavra ser monossilábica. Levando em consideração a análise fonológica do presente *blending*, percebemos em sua formação o não compartilhamento de material fônico entre as bases, assim, seu padrão é denominado como *combinação truncada*. O diagrama 1 mostra que como esse *blending* é criado:

Diagrama 1 – Representação da quebra na criação do *blending* onionímico *bruboi*.

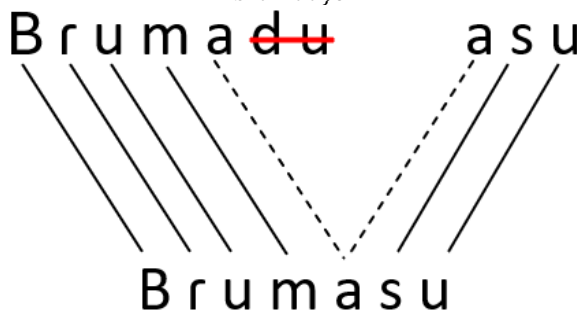


Fonte: adaptado de Benfica da Silva (2019).

Nota-se, então, que na formação de *bruboi*, a palavra *Brumado* sofre uma supressão das últimas sílabas e a segunda base, *boi*, é anexada no ponto da quebra da primeira base. Os segmentos escolhidos para o nível fonético não apresentam similaridade fônica.

Em *Brumaaço* (*Brumado* + *aço*), a supressão da primeira base é menor, sendo aproveitadas as duas primeiras sílabas da palavra *Brumado*. A base 2 mantém todo corpo fônico, embora seja uma palavra dissilábica. Os elementos fonológicos contíguos, a vogal /a/, que compõem esse *blending* são idênticos, caracterizando-o, também, pelo padrão interposição lexical (cf. diagrama 2):

Diagrama 2 – Representação do compartilhamento segmental entre as bases do *blending* onionímico *brumaaço*.

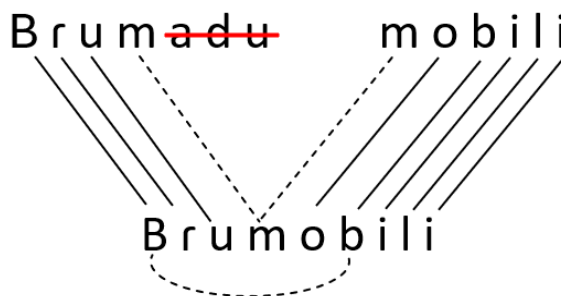


Fonte: Adaptado de Piñeros (2000).

A observação feita, para estabelecer o padrão de *brumaaço*, no diagrama 2, permite-nos deduzir que o fragmento utilizado pela primeira base, *Bruma*, finaliza com a mesma vogal que inicia a segunda base, *aço*. A palavra, portanto, é grafada com a repetição da vogal *a*, resultando em *brumaaço*. Contudo, embora seja grafada desta maneira, o falante produz¹⁰ esse *blending*, utilizando o processo da fusão, ocasionando, com isso, na mescla do segmento vocálico e resultando numa interposição lexical.

Em *Brumavet* (*Brumado + Veterinário*) as bases envolvidas não apresentam semelhança fônica entre si, um exemplo evidente de combinação truncada. Do ponto de vista segmental, ambas as bases são completamente distintas, para a formação desse *blending*, a primeira base tem a última sílaba suprimida “~~do~~”, enquanto a base 2 mantém segmentos do início da palavra, mas ocorre supressão de material fônico no final da base. Esse exemplo contrasta com o argumento de Plag (2018) que discute que um *blending* é formado com início da primeira palavra com o final da segunda. Aparentemente, *blends* onionímicos podem apresentar estruturas diferentes, início + início, bem como *blends* antroponímicos, apresentados por Benfica da Silva (2019), a exemplo *Peromar* (*Pérola + Marcio*). Agora, observemos o diagrama 3 para o *blending* *Brumóbile*:

Diagrama 3 – Representação do compartilhamento segmental entre as bases do *blending* onionímic *Brumóbile*.



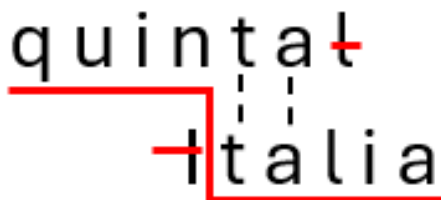
Fonte: Adaptado de Piñeros (2000).

O diagrama 3 demonstra que, no processo de formação de *Brumóbile* (*Brumado + móbile*), não há supressão de elemento fonológico na segunda base, isto é, nela prevalece a palavra primitiva. Já na base 1, a parte final é suprimida (~~ado~~). Assim, ocorre a mescla das duas bases para formar o *blending*. O ataque da segunda sílaba, /m/, é aproveitado para o nível fonético, ocasionando em uma fusão com o mesmo segmento da base seguinte. Além disso, este exemplo apresenta uma bilabial sonora em ambas as bases,

¹⁰ Estamos levando em consideração a nossa percepção diante da produção do *blending*, logo, de oitiva, uma vez que residimos no município de Brumado.

caracterizando esse *blending* pela interposição lexical. Uma questão curiosa acerca dessa palavra é que, graficamente, é acentuada em proparoxítone. Vejamos, a seguir, o diagrama 4:

Diagrama 4 – Representação do compartilhamento silábico entre as bases do *blending* onionímico *Quintália*.



Fonte: Adaptado de Benfica da Silva (2019).

O exemplo de *Quintália* apresenta material fonológico no nível silábico. As sílabas que se encontram na quebra da formação da palavra são semelhantes, /taL/, da primeira base e /ta/ da segunda. Essa sobreposição silábica é caracterizada como haplologia, um típico fenômeno fonológico que funde duas sílabas idênticas (Braga, 2023) ou idênticas (Battisti, 2005). Sendo assim, “a haplologia decorre não apenas da igualdade das sílabas, mas também quando uma está seguida por outra, foneticamente, semelhante [... e] é constituída com a maior porção idêntica que a sílaba apresenta” (Braga; Pacheco, 2024b). Em *Quintália*, por exemplo, a sílaba da primeira base é pesada, ou seja, apresenta coda lateral, e ele nessa posição da sílaba é produzido com som vocálico, o glide [w]¹¹, enquanto a sílaba da base 2 não apresenta coda. Este *blending*, então, pertence ao padrão interposição lexical.

Em *Horrorizante* (*horroroso + horizonte*), na primeira base, ocorre a supressão das duas sílabas no final da palavra (~~roso~~), enquanto a base 2 ocorre a supressão de apenas 1 sílaba (~~ho~~) no início da palavra. Ao ponto em que as bases se mesclam e formam uma estrutura completa para *blending*, podemos dizer que estamos diante do padrão *interposição lexical*, pois compartilham segmentos fonológicos entre si.

Caso semelhante, em uma das bases, ocorre em *Terrorizante* (*terrível + horizonte*), em que ‘horizonte’ foi utilizada para duas formações distintas. Do ponto de vista fonológico, as duas bases são superpostas, de modo que um ou vários segmentos semelhantes podem ser compartilhados (cf. Gonçalves, 2019).

¹¹ Gonçalves (2003) esclarece que, para ser considerado como interposição lexical, os segmentos precisam ocupar a mesma posição na sílaba. No *blend Quintália*, a lateral ocupa a posição de coda na base 1 e de ataque na base 2. Logo, não são considerados semelhantes.

Mediante os resultados discutidos, até aqui, confirmamos nossa hipótese de que *blends* onionímicos tendem a ser mais formados pelo padrão interposição lexical. Esses dados corroboram com o argumento de Gonçalves (2003), para os *blends* prototípicos, de que o padrão interposição lexical é maioria no PB. Em termos quantitativos, tivemos mais *blends* com formações por interposição lexical, um total de 5: *Brumaaço*, *Brumóbile*, *Quintália*, *Horrorizonte* e *Terrorizonte* e por combinação truncada 3: *Bruboi* e *Brumavet*. A seguir, apresentaremos os resultados sobre o caráter semântico.

3.2 O CARÁTER SEMÂNTICO

Vimos, até aqui, a classificação dos *blends* e a importância do critério fonológico para a sua formação. Contudo, um outro critério de suma importância na criação de um *blending*, é o semântico, uma vez que precisa ser compreendido pelos falantes da língua. Como discutimos anteriormente, neste artigo, tomaremos as ideias de Sandmann (1997) que fez uma análise do caráter semântico dos compostos, em que a classificação se baseia na relação entre o significado do composto e o significado de suas bases, considerando-os como endocêntrico (o significado do composto está diretamente relacionado as bases que o formam) e o exocêntrico, cujo significado do composto se distancia das bases de são oriundos, resultando numa motivação menos direta.

Nossa hipótese inicial seria a de que oniônimos criados por *blends* tenderiam a ser mais exocêntricos, pois o falante tencionaria a remeter ao estabelecimento e não às bases de lhe deram origem. Por essa razão, analisamos os *blends* coletados para chegarmos a algumas conclusões. Segundo Braga (2023), em sua pesquisa sobre percepção de *blends* por falantes nativos do português brasileiro, *blends* que designam oniônimos remetem a lugares ou estabelecimentos e tendem a ter significados mais fechados, distanciando-se das bases. Observamos o quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – *blends* selecionados para análise semântica.

<i>Blends</i>	Padrão Semântico
Bruboi	Exocêntrico
Brumaaço	Endocêntrico
Brumavet	Endocêntrico

BrumóBILE	Exocêntrico
Horrorizonte	Endocêntrico
Quintália	Exocêntrico
Terrorrizonte	Endocêntrico

Fonte: elaboração própria.

Os resultados do quadro 3 mostram que os *blends* *bruboi*, *bromóBILE* e *quintália* parecem não ter o significado próximo às bases de que são oriundos. Em *Bruboi*, uma churrascaria, só a primeira sílaba da base 1 se mantém no nível fonético, o que nos faz deduzir que o fragmento *bru-* é bastante opaco para o falante remeter a base, *Brumado*. Segundo Kemmer (2003), os fragmentos eleitos para o nível fonético carregam consigo o significado das bases. Contudo, isso não parece acontecer com este *blending*. Além disso, a base ‘boi’ pode apresentar vários significados, um deles, a uma fazenda onde se cria gados. Ainda, a churrascaria é um estabelecimento bastante consolidado na cidade de Brumado, o que faz o falante direcionar o sentido diretamente ao lugar e não às bases.

A explicação para *BrumóBILE* (loja de mobília), embora ter a base 1 menos opaca, pode estar ligada ao fato de que a base 2 ser de origem estrangeira e não ter sua tradução conhecida por maior parte dos falantes. Logo, ele não remete ao significado da base por não saber a tradução da palavra. Em *Quintália*, o distanciamento seria, ainda, maior, pois o *blending* não apresenta algum nome diretamente ligado a um restaurante.

Por outro lado, *blends* que também remetem a lugares físicos, especificamente, a estabelecimentos, como *Brumaaço*, *Brumavet*, *Horrorizonte* e *Terrorrizonte*, parecem remeter as bases que o formam, denominados assim, como endocêntricos. Embora deem nome a estabelecimentos, há uma transparência maior nos fragmentos que compõem os *blends*. *Horrorizonte*, por exemplo, embora apresente supressão de material fonológico, em ambas as bases, parece estar associado às palavras originais, uma vez que o significado das bases podem estar presentes nos fragmentos que formam o *blending*, como assinala Kemmer (2003).

Seguindo por essa linha, a defesa de Andrade e Rondinini (2016) e Benfica da Silva (2019) de que *blends* são sempre endocêntricos, embora coerente, não é categórico para todos os tipos de *blends*, neste caso, para *blends* que designam oniônimos. Assim, Braga e

Pacheco (2024d, p. 18) defendem que, “em termos semânticos, compostos e *blends* parecem estar num *continuum*, em que os primeiros são mais exocêntricos ao passo que os segundos apresentam um caráter mais endocêntricos”. Portanto, esta análise nos possibilita responder que oniônimos criados por *blends* têm caráter tanto endocêntrico, quanto exocêntrico. Nossa hipótese, nesse sentido, foi parcialmente confirmada.

4 CONSIDERAÇÕES (DESTE TRABALHO)

Neste trabalho, como discutimos, analisamos o caráter fonológico e semântico de *blends* que designam estabelecimentos na cidade de Brumado/BA. Para tanto, foram coletados alguns *blends* onionímicos, em que o nome do estabelecimento tenha sido formado pela junção de duas palavras já existentes na língua, para criar uma nova, como vimos em *Brumavet* (*Brumado + veterinário*) uma clínica veterinária deste município. Com isso, observamos os fenômenos que compõem cada um deles.

Os resultados da análise fonológica confirmam a nossa hipótese, revelando que 5 *blends* são formados por interposição lexical (*Brumaaço, BrumóBILE,, Quintália, Horrorizonte e Terrorizonte*) e 2 por combinação truncada (*Bruboi, Brumavet*).

Em relação à análise semântica, os resultados mostraram que nossa hipótese, de que oniônimos criados por *blends* tenderiam a ser mais exocêntricos do que endocêntricos, não se confirmou completamente, pois dos 7 *blends* analisados, 3 apresentaram caráter exocêntrico (*Bruboi, BrumóBILE e Quintália*), demonstrando que o significado se distancia das bases e remete ao estabelecimento. No entanto, 4 *blends* apresentaram caráter endocêntrico (*Brumaaço, Brumavet, Horrorizonte e Terrorizonte*), remetendo semanticamente às bases que os formaram, o que se assemelha à análise de Andrade e Rondinini (2016) e Benfica da Silva (2019). Todavia, os autores argumentam que *blends* são sempre endocêntricos, o que não identificamos em nossa pesquisa. Notamos então, que *blends* podem ser tanto endocêntricos quanto exocêntricos, como defende Braga (2023).

Nesse sentido, o presente trabalho contribui para a compreensão da formação de *blending* onionímicos, demonstrando a complexidade e a veracidade desse processo, pois os resultados indicam que a análise do caráter fonológico e semântico desses *blends* requer uma abordagem individualizada, considerando o contexto específico de cada formação. Portanto, observamos que o estudo do processo de formação de palavras, nos

possibilita analisar as categorias linguísticas específicas para esse processo intitulado por *blending* e, com ele, compreender as necessidades dos falantes em categorizar e nomear determinadas coisas ou lugares. Vale ressaltar que o oniônimo, ao denominar marca ou estabelecimento, não apenas propõe um *marketing* para chamar atenção do público, como também visa valorizar a cultura local de falantes que o reconhecem, comprovando o quanto os *blends* são produtivos na língua.

Em tempo, esclarecemos que os resultados aqui discutidos não são categóricos e estão longe disso. No que tange ao caráter semântico, por exemplo, análises futuras são requeridas: uma proposta via Percepção e/ou a partir de processamento, para entender como o falante compreende *blends* onionímicos, pode ajudar esclarecer melhor o caráter semântico desse tipo de *blending*.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, 32.4, p. 861-887, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/NHKKfy8CJMGBXyZRsc7fTLR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

AZEREDO, J. C. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BASÍLIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. *X Congresso da ASSEL RIO*, Rio de Janeiro, 2003.

BASÍLIO, M. A fusão vocabular como processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso da ABRALIN*, 2005.

BATTISTI, E. Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, n. 3, 2005, p. 73-88. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/13694>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. – ampl. e atual. Conforme o Novo Acordo ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENFICA DA SILVA, V. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica [dissertação]*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2019. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1h-HMm3yiIzdePzdpzM9WTAEmUdDEczbS/view>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BEVILACQUA, C. R.; SILVA, F. M. Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico. *Confluência*. 2021; 60:353-372. Disponível em: <<https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/389>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BRAGA, E. V. *Blend, “a mistura que todo mundo gosta!”: uma blendescção do processo no léxico do português brasileiro*. 2023. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/265>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V. Uma Descrição Alucicrazy Do Estado Da Arte Dos Blends Do Português Brasileiro. *Revista do GELNE*, v. 26, n. 2, 2024a. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/36316>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V. Ocorrência de processos fonológicos na formação de ‘blends’ do português brasileiro. *Revista Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 117-132, jan./jun. 2024b. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/flp/article/view/221234>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V. Algumas considerações sobre o status dos blends no léxico do português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 21, n. 1, p. 54-78, 2024c. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3708>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V. Nível de conhecimento e uso de blends do português brasileiro por parte dos falantes nativos. *Revista Veredas*. Volume 28, n.2 (e45144), 2024d. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/45144>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

CÂMARA, J. M. *Introdução às línguas indígenas brasileiras: Linguística e Filologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1977.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

FREIRES, M. F. F. *Análise de Cruzamentos vocabulares e Oniônimos: Novas formações no português do Brasil*. 2023, p. 37. Trabalho de conclusão de curso - TCC. Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/22271>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, 2003, p. 149-167. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25265/14290>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto; 2016.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. 1 ed. - São Paulo: Parábola, 2019.

ISQUERDO, A. N. *Toponímia urbana no Brasil: estudos*. Volume 3, Mato Grosso do Sul, 2023.

KEMMER, S. Schemas and Lexical Blends. In: CUICKENS, H. *et al.* (ORG.) *Motivation in Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

LOPES, A. S.; LIMA, L. C. B. de; CASTRO, M. C, D. de. Estudo do léxico toponímico: uma revisão integrativa da base teórica. *Revista GTLex | Uberlândia* vol. 6, n. 1 | jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/57569>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

MARANGONI, J. C. A interface morfologia-fonologia no blending: uma análise pelo modelo da teoria da otimidade. *Revista Letras*. 2021;103(1):29-53. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/84111>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 3ª ed. São Paulo, Pontes, 1991.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 4ª edição revista e ampliada. – Campinas: Pontes, 2002.

MUNHOZ, E. M. B.; ECKERT, K. Observatório de Neologismos: um estudo a partir de publicações on-line da revista *Mundo Estranho*. *Revista Afluente*, Maranhão. V. 8, N.23, p.459-475. 2023. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/download/21621/12022/67640>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PLAG, I. *Word-Formation in English*. 2 ed. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics, 2018.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

VITAL, F.; GONÇALVES, C. A. A crucialidade da fonologia: um outro olhar sobre blends lexicais no português brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 120 – 140, 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/60402/40483>>. Acesso em: 03 abr. 2026.